

PEQUENOS CAZUMBÁS: a teatralidade da brincadeira da cultura popular em cena.

LITTLE CAZUMBÁS: the Theatricality of Play in Popular Culture on Stage.

Suzanne Rocha Guimarães

suzanneguimaraes89@gmail.com

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

José Carlos de Melo

mrzeca@terra.com.br

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Resumo:

O presente artigo apresenta os Pequenos Cazumbás, projeto desenvolvido nas aulas de Teatro com crianças da Educação Infantil, de 2 anos e 5 meses a 3 anos, para a representação na festa junina da escola. O objetivo é conhecer, valorizar e expandir as manifestações artísticas e culturais do nosso estado, contribuindo para a preservação da cultura popular brasileira na primeira infância. Como resultados é possível afirmar que o envolvimento das famílias e a interação com o personagem Cazumbá foram fundamentais, criando uma rede de conexões afetivas, integrando as vivências cotidianas que transcendem os muros da escola.

Palavras-chave: Teatro, Cazumbás, Cultura Popular, Educação Infantil.

Abstract:

The present article introduces os Pequenos Cazumbás, a project developed in Theater classes with children in Early Childhood Education, aged 2 years and 5 months to 3 years, for representation in the school's June festival. The objective is to know, value, and expand the artistic and cultural manifestations of our state, contributing to the preservation of Brazilian popular culture in early childhood. As results, it is possible to affirm that the involvement of families and the interaction with the character Cazumbá were fundamental, creating a network of affective connections, integrating daily experiences that transcend the school walls.

Keywords: Theater, Cazumbás, Popular Culture, Early Childhood Education.

“Eu cheguei tocando apito,
chamando pra reunir,
vou cantar pra guarnicê.
ôh, ôh êh, meu vaqueiro
São João tá chamando você,
desde ano passado que
meu Santo não te vê”

Toada “Guarnicê”-Bumba-meu-boi Unidos de Santa Fé

INTRODUÇÃO

O Cazumbá é um personagem mascarado da manifestação folclórica do Bumba-meu-boi do Maranhão, especialmente presente nos grupos de boi de sotaque da Baixada. Esta figura irreverente, que não se define como homem, mulher, nem animal, é envolta em magias, travessuras e misticidade. Com sua presença única e intrigante, o Cazumbá desperta espanto, curiosidade, medo e admiração. “São popularmente chamados de cazumbá (com a última sílaba tônica) pelos residentes em São Luís, e conhecidos, na maioria dos municípios da Baixada Maranhense, como cazumbas” (Matos, 2017, p. 100). É o único sotaque do Bumba-meu-boi que conta com a presença deste personagem brincante, cuja teatralidade cativa e desafia o imaginário coletivo.

Cada brincante¹ se apresenta com sua indumentária, que se caracteriza inicialmente pela máscara, também chamada de careta, e por uma bata comprida com muitos bordados e brilhos. Além disso, eles carregam um cesto de palha ou pedaço de madeira debaixo das vestes, na parte traseira do quadril, permitindo o alargamento nessa região do corpo, o que confere um movimento rebolado típico do personagem. Os brincantes também são acompanhados por um instrumento musical conhecido como badalo, semelhante a um sino de lata, que marca sua chegada na brincadeira². Matos (2017, p. 104) nos diz que “o Cazumba enquanto personagem é, para eles, um ser com legitimidade para representar a brincadeira, além de especial para quem o interpreta. Seus conceitos têm como base a vivência e a importância dele nos vários momentos da apresentação”.

Como expectadora entusiasmada do Bumba-meu-boi, sempre vi o Cazumbá como um personagem potente nas apresentações no período festivo do São João. A partir desse olhar curioso, disposta a transformar a prática pedagógica em uma atividade de encantamento, nasceu os **Pequenos Cazumbás**. A escolha desse personagem para a representação da turma do maternal 2, na festa junina da escola, surgiu das aulas de teatro com crianças de 2 anos e 5 meses a 3 anos, em uma escola de Educação Infantil em São Luís/Maranhão. Já que o teatro nos possibilita esse percurso do jogo, da encenação, da brincadeira, a ideia foi desenvolvida a contar

1 Membro da brincadeira, qualquer baiante do batalhão, boieiro (Reis, 2008, p. 44).

2 [...] A festa, o espetáculo popular. Também a apresentação, a encenação chamam de brincadeira (Reis, 2008, p. 44).

com o perfil da turma: fazedores de travessuras, curiosos e brincantes como o Cazumbá realmente se apresenta na brincadeira do boi.

Diante do cenário da teatralidade expressiva em sala de aula, destaca-se a valorização da experiência criativa das crianças, envolvendo a exploração de pequenas ações que estimulam a percepção e a ocupação consciente no espaço. E de acordo com Soares (2010, p. 25) “A teatralidade é resultante da articulação de todos os elementos da linguagem teatral no espaço direto da cena. O texto não é mais o único definidor da teatralidade, mas é considerado apenas mais um dos elementos do jogo teatral contemporâneo”.

O reconhecimento e a valorização do vínculo das crianças com as culturas populares, através do Bumba-meu-boi consagrado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), inspiraram a criação e o desenvolvimento do projeto com o objetivo de conhecer, valorizar e expandir as manifestações artísticas e culturais do nosso estado, contribuindo para a preservação da cultura popular brasileira. Comemorar as festas juninas, vai além de somente um dia que culmina com o arraial³ na escola. É uma jornada de aprendizagens que valorizam e representam a expressão cultural do nosso estado, integrando as vivências cotidianas com e para as crianças, no qual na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) têm como eixos estruturantes a interação e a brincadeira que dispõe na Educação Infantil de seis grandes direitos de aprendizagem e desenvolvimento ativo na construção de seus conhecimentos: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se (Brasil, 2018).

As manifestações da cultura popular, integradas às práticas pedagógicas, refletem a identidade coletiva e são transmitidas não apenas como herança do passado, mas também como uma forma contínua de interpretação do presente, fortalecendo vínculos com a sociedade e valorizando a diversidade cultural. Por isso, a escola deve se empenhar em inserir a realidade cultural da comunidade que frequenta, promovendo e preservando as culturas locais, por isso:

A abertura da escola à cultura de seu território, a escolha de uma grade curricular que valorize a pluralidade e a diversidade cultural local e o intercâmbio da escola com produções e produtores de cultura na sociedade são alguns caminhos para unir

3 Os arraiais são construções temporárias montadas em ruas e praças públicas. Alguns têm disposição circular ou em forma de arena: no centro fica a área destinada às apresentações dos grupos que podem acontecer em palcos ou no chão (Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil. (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, 2011, p. 122).

educação e cultura. Os desafios, contudo, são muitos e continuam postos, e cabe aos educadores e à sociedade engendrar novas aproximações possíveis. (Setubal, 2012, p. 1).

Ainda no documento proposto pela BNCC, a estruturação dos conhecimentos está dividida em cinco campos de experiências: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Na prática pedagógica da Educação Infantil, o corpo é integrante privilegiado, especialmente no contexto do teatro, que se insere nos campos “corpo, gestos e movimentos” e “traços, sons, cores e formas”, proporcionando às crianças as experiências cotidianas no seu amplo repertório e descobertas de variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (Brasil, 2018).

A experiência do Teatro nessa primeira etapa da educação básica, abre caminhos para a ampliação de conhecimentos, estruturada na prática teatral contínua como processo criativo, trilhando o percurso da brincadeira. É somente vivenciando com seus corpos e ações que o fazer teatral potencializa-se, [...] além de desenvolver aspectos fundamentais de criatividade, imaginação, oralidade e expressão corporal, trabalho em grupo e cooperação, noções estéticas e éticas, entre tantas outras (Ferreira; Falkembach, 2012, p.15).

PROCESSO CRIATIVO

As primeiras referências de pesquisa, partiram da apreciação do Bumba-meu-boi Unidos de Santa Fé, diretamente no barracão sede do boi, onde acontecem os ensaios de preparação para as jornadas do São João. Concentrei em registrar, por meio de vídeos e fotos, os movimentos das crianças também envolvidas na brincadeira, buscando detalhes que pudessem enriquecer a preparação corporal dos alunos, levando esse material para apreciação em sala de aula.

A aproximação das crianças com a figura do Cazumbá teve início por meio de diálogos que exploravam a história desse personagem, anunciando o estreitamento entre a cultura popular e o movimento festivo do São João. Utilizamos recursos visuais, como fotografias e vídeos, para ilustrar todos os elementos que compõem o Cazumbá.

O processo de pertencimento começou com a máscara, sendo a primeira abordagem. No início, alguns alunos se assustaram com a careta chamativa. No entanto, gradualmente encontramos maneiras mais adequadas de conduzir o trabalho, criando afinidade ao direcionar seus olhares para as cores que o personagem carrega, colocando-os como observadores atentos

a cada elemento e aprendendo os significados daquelas formas animais. Eles tocaram, sentiram, até chegar à experiência do experimento da máscara no rosto, atentos ao encontro com seu próprio Cazumbá na brincadeira.

A imersão com o Bumba-meu-boi Unidos de Santa Fé serviu de inspiração para a escolha da toada⁴ de apresentação da turma. Na voz do Amo-cantador Mestre Zé Olhinho, apresentamos a toada Guerreiro Valente, que possui um refrão lúdico envolvente: “Ê tchun, ê tchan. Ê tchun, ê tchun, ê tchan. Eu vou até de manhã”.

Em outro momento, passamos para o experimento do corpo no espaço de jogo, que, segundo Soares (2010, p. 161), “funciona como uma espécie de convite, facilitando e estimulando a entrada do aluno no jogo”. Utilizamos elementos da linguagem teatral, conectando-os com a sonoridade do badalo, a máscara, a bata e a dança, que se transformam em uma brincadeira da teatralidade na sala de aula. A coreografia que vai performando giros, o “bumbum” que balança, típico da sua dança em sincronia com o badalo, ganhando movimentos livres, conduzidos pela alegria dos pequenos brincantes, já que o Cazumbá, “[...] na brincadeira, por assim dizer, um personagem fazedor de travessuras, com modos que transgridem as regras durante a apresentação” (Matos, 2017, p. 100). Assim,

[...] Ao se lançar no espaço, a criança o descobre como algo tridimensional que ela com sucesso poderá ocupar, ver-se dentro dele e a partir dele, ver-se a si mesma. O espaço é experimentado, então, não mais como algo distante, estranho, mas como pertencente ao próprio sujeito (Soares, 2010, p. 159).

Nesse sentido, a prática do teatro busca despertar por suas consequências e efeitos, surpreender sobre o espaço ocupado e a possibilidade de nos refinar na observação de quem usufrui dele, no caso as crianças, na feitura própria do brincar livre que os pequenos tanto vivenciam, ao encontro entre a brincadeira e o fazer teatral, “[...] de modo que a criança pequena compreenda, ela mesma, semelhanças e diferenças entre esses fazeres” (Machado, 2010, p. 100). Ferreira e Falkembach (2012) lembram que a sala de aula pode se transformar em um espaço de jogo, em um espaço-tempo de criação teatral, onde a imaginação, o corpo e a

4 As toadas são músicas criadas e cantadas pelos amos, cabeceiras ou mandadores dos grupos de Bumba-meu-boi acompanhadas pelo coro formado pelos brincantes e, ocasionalmente, pela assistência. Durante as apresentações, o amo comanda a brincadeira com a execução das toadas e coordenação da seqüência de composições apresentadas pelos outros amos/cantadores. (Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Iphan, 2011, p. 148).

ação dos alunos estejam integrados na construção de novos saberes e competências expressivas.

[...] encorajá-los a ocupar o espaço, tomar posse dele, torná-lo expressivo, descobrindo-se a si próprios como centro deste espaço singular através do qual ganha significação. É sobre a vivência da espacialidade no teatro, seu dimensionamento físico e simbólico que empreendemos o trabalho de sala de aula. (Soares, 2010, p. 131).

PERCURSO BRINCANTE

A trilha desse percurso é a brincadeira, pautada no processo criativo da sala de aula, até alcançar outros territórios, como um desenho experimental construído em detalhes. Essa prática artística-pedagógica está repleta de significados, conectando-se ao que Machado (2015) chama de “poética própria⁵”. Junto à imaginação criadora das crianças, propõe-se a partilha do fazer teatral, permitindo que elas transformem os ensaios em espaços de descobertas e contribuam com conhecimentos valiosos obtidos durante o processo de criação. Essas percepções são adquiridas também ao apreciarem os grupos de Bumba-meu-boi quando as apresentações nos arraiais da cidade são intensificadas, criando conexões com a figura do Cazumbá e trocando experiências de forma sensível e única. A possibilidade de assistirem e estarem próximos do personagem nas apresentações do ciclo festivo, enriquece ainda mais o potencial criativo.

O processo vai desenvolvendo nesse campo fértil, um repertório de ações, onde há muitas descobertas, escuta, sentido atento aos pés, mãos, movimento. O processo criativo é a base para a construção da teatralidade, realizado na alternância de olhares, estabelecendo um direcionamento de confiança, que passa do educador para cada criança. É importante se fazer presente diante os espaços ocupados, dentro e fora do cotidiano da escola, na busca pelos detalhes, já que tudo se manifesta constantemente. Lev Vigotski (2012, p. 119), observa que:

É necessário não esquecer que a lei básica da criatividade infantil demonstra que seu valor se baseia não nos seus resultados, não no produto da criação, mas no próprio processo. O que é importante não é o que as crianças criaram, mas o que elas criam e fazem exercitando a imaginação criativa e a sua implementação.

5 A poética própria: traduz modos de ser, estar e fazer que nos delineiam, que nos deixam à vontade, perante os quais podemos dizer: neste campo, “estou sendo eu mesmo”. Assim, há “poética própria” nos modos de expressão, de caminhar na rua, de cozinhar ou lavar louça, de brincar e de não brincar...

No campo acadêmico, a poética própria pode ser concebida como o conjunto de características de um artista ou de um autor, renomado ou iniciante. (Machado, 2015, p. 64)

Nas palavras de Machado (2023, p. 59), “nunca na direção de um exército de artistas mirins, mas, antes, na direção de infâncias plurais, nas quais cada criança possa dizer e expressar artisticamente o que pensa, sente e projeta para seu futuro. Habitar seu corpo próprio. Sentir-se capaz. Escolher-se”.

O teatro na Educação Infantil se faz presente na escola, atravessando inúmeras possibilidades de ocupação, ampliando o olhar sobre a grandeza das culturas da infância. Lançando-se no espaço como pertencente à sua maneira, de forma significativa de expressão, repleta de imagens vivas e poéticas para a realização de uma prática teatral criativa, entendendo que

[...] sejam sujeitos de seus corpos e de seus movimentos, antes de qualquer coisa, seria necessário assumi-las como sujeitos de espaços onde vivem e convivem. Pois as crianças vão construindo, valores, afetos a partir de sua experiência com o mundo. Experiência vivida num universo de corpos que tocam, olham, cheiram, comem, escutam. Corpos que sentem o mundo, leem o mundo...(Tiriba 2022, p. 249).

CONSIDERAÇÕES

Os alcances de toda a vivência do projeto deram-se a partir de pesquisas, trocas, brincadeiras compartilhadas durante o processo, entre essas duas instâncias: escola e família.

Muitas perguntas foram surgindo, vindo das famílias no primeiro momento sobre a aceitação do personagem, por saberem que as crianças usariam as máscaras e a incerteza quanto à receptividade, mas foram se familiarizando no tempo e espaço do projeto, tirando dúvidas com a coordenação da escola, intensificando esse diálogo de apropriação. Alguns pais relataram que não conheciam profundamente o personagem e por incentivo, também se encantaram com a projeto. Outros ficaram empolgados, por terem o Cazumbá como personagem preferido do Bumba-meu-boi e pela alegria de propagar a potência da cultura popular.



Figura 1: Vestimenta e máscara Pequenos Cazumbás. Processo criativo. 2023. Fotografia: Arquivo pessoal.

Para o desenvolvimento da vestimenta e máscara, as famílias receberam orientações com ideias e inspirações para a confecção a partir das suas escolhas, adaptadas aos olhares dos pequenos brincantes, que participaram da criação do seu Cazumbá, produzidos com diferentes materiais, como papelão, E.V.A colorido, lantejoulas, paetês e muito brilho. Dessa forma,

esse fazer artístico se revela no cuidado com a escolha das cores, na preocupação com o impacto que cada careta terá ao ficar pronta e na busca pela unicidade do produto, pois cada Cazumbá possui, em sua composição visual, elementos que diferenciam um do outro, seja no formato da careta ou nas cores que ela é pintada, seja no bordado das fardas. O importante é que em um dado detalhe um brincante se diferencie do outro (Matos, 2017, p. 14-15).

Assim, culminamos na festa junina junto com toda a comunidade escolar, com manifestações culturais apresentadas por diversas turmas. Para as crianças, esse projeto proporcionou uma oportunidade de se conectarem com suas próprias culturas e tradições, além

de desenvolverem habilidades como expressão criativa, sensibilidade estética, trabalho coletivo, e respeito pela diversidade cultural.



Figura 2: Pequenos Cazumbás em cena. Junho 2023. Fotografia: Arquivo pessoal

“Quando veio o aviso que a turma de Pedro dançaria homenageando o Cazumbá, eu me emocionei e vibrei. Ainda mais ao perceber que ele não iria só apresentar. Ele aprendeu sobre os sotaques do Bumba-meu-boi, sobre os personagens, sobre o Cazumbá. E também sobre os elementos que o caracterizam. Colei cada lantejola, cada fitilho, com muito prazer. A máscara foi feita com ajuda empolgada do brincante exigente. E ficou lindo. Vai ser difícil superar”, relatou Hellen Mendonça, mãe do aluno Pedro.

Por fim, os Pequenos Cazumbás, cheios de pertencimento, pisaram em outros territórios, dentro da brincadeira do Bumba-meu-boi nas festanças dos arraiais espalhados pela cidade, expandindo e preservando a cultura popular. A arte ocupa, de forma presente, todas as rotinas sociais, seja na história ou no nosso cotidiano, manifestando-se através de um personagem espontâneo, com seus múltiplos movimentos, que dança e “[...] participa de uma realidade presente no imaginário popular,” “[...] que brinca e se comunica com seus

espectadores através da dança e dos gestos que executa durante a apresentação” (Matos, 2017, p. 108).



Figura 3: Pequeno Cazumbá pelo mundo. Arraial do Maranhão. Junho 2023. Fotografia: Arquivo pessoal.

Enquanto professora, aponto caminhos com total intencionalidade de provocar o sentir e o fluir, por meio de uma teatralidade sem comparamento, mas pertencente do seu lugar, sua cultura, do seu próprio Cazumbá, que cria, improvisa e atravessa encantamentos.

Nessa jornada, vejo como a arte se revela de forma grandiosa, ecoando o potencial transformador do teatro e fazendo da infância uma revolução. O protagonismo da inventividade criativa das crianças ganha destaque, conferindo significado à experiência artística, estética e pedagógica no contexto teatral. Mesmo sendo familiar para muitos, adentrar nessa cultura exige um olhar atento ao ponto de partida e chegada, construindo memórias através do cotidiano da infância rico em intenções, emergente de ideias e aberto às alegrias da brincadeira.

“Adeus, que eu já vou.
A minha missão no momento terminou e eu já vou me retirar.

Isso é um dever que eu tenho em toda vez que eu cantar,
fazer da fraqueza força,
somente pra te agradar.
Caso o boi não agradou,
todos queiram me desculpar.”

Toada de despedida “Adeus”-Bumba-meu-boi Unidos de Santa Fé

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-boi no Maranhão**. São Luís: Pitomba!, 2019.

BOI DE SANTA FÉ. **Guerreiro Valente**. São Luís: Zabumba Records, 2021. Faixa 11.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

FERREIRA, Thais; FALKEMBACH, Maria Fonseca. **Teatro e dança nos anos iniciais**. Porto Alegre: Mediação, 2012. ESPAÇAMENTO

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão**. Dossiê do Registro como Patrimônio Cultural do Brasil. São Luís: IPHAN, 2011.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

MACHADO, Marina Marcondes. **Merleau-Ponty & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MACHADO, Marina Marcondes. **Para as crianças de agora**: uma perspectiva artístico-existencial. São Paulo: Perspectiva, 2023.

MACHADO, Marina Marcondes. Só rodapés: um glossário de trinta termos definidos na espiral de minha poética própria. **Revista Rascunhos**: Dossiê Teatro e Escola: ações e reflexões, Uberlândia, v. 2, n. 1, 2015. Disponível em:<https://seer.ufu.br/>. Acesso em: 29 maio, 2024.

MATOS, Elisene Castro. **Cazumbas**: pessoas e personagens do Bumba-meu-boi. São Leopoldo: OIKOS, 2017.

REIS, José Ribamar dos. **O abc do Bumba-boi do Maranhão**. 2. ed. São Luís: Fort Gráfica, 2008.

SETUBAL, M. A. **Diálogos entre cultura e educação na escola**. Johnny Daniel: filosofia e educação, 2012. Disponível em: <https://johnny-daniel.webnode.page/>. Acesso em: 26 de outubro, 2024.

SOARES, Carmela. **Pedagogia do jogo teatral: uma poética do efêmero: o ensino do teatro na escola pública**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2010.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Artigo submetido em 26/07/2024, e aceito em 29/10/2024.